

CARTA

DE CONJUNTURA DO NAPE

ISSN 2675-4886

VOLUME 29, NÚMERO 2

ABR./JUN. 2022



QUÃO LONGO
SERÁ O CICLO DE
ALTA DOS JUROS?

VOLUME 29, NÚMERO 2
ABR./JUN. 2022

ALESSANDRO DONADIO MIEBACH (DERI - UFRGS)
ANDRÉS FERRARI HAINES (DERI - UFRGS)
CARLOS HENRIQUE VASCONCELLOS HORN (DERI - UFRGS)
FLÁVIO BENEVETT FLIGENSPAN (DERI - UFRGS - *COORDENADOR*)
MAURICIO ANDRADE WEISS (DERI - UFRGS)
RÓBER ITURRIET AVILA (DERI - UFRGS)
SÉRGIO MARLEY MODESTO MONTEIRO (DERI - UFRGS)
ANELISE MANGANELLI (DIEESE - RS)
CLARISSA BLACK (SEFAZ - RS)
DENILSON ALENCASTRO (GERAL INVESTIMENTOS)
EVERSON VIEIRA DOS SANTOS (IEPE - UFRGS)
MARTINHO ROBERTO LAZZARI (SEPLAG - RS)
MATHEUS IBELLI BIANCO
RAFAEL CAMINHA PAHIM (PPGE - UFRGS)
VIRGINIA ROLLA DONOSO (DMT EM DEBATE)

Capa: Vinicius da R. da Silva | Núcleo de Publicações/FCE

Imagem: Banco Central do Brasil



Sumário

1 ECONOMIA MUNDIAL: temores de estagflação global em meio à guerra na Ucrânia	3
<i>Andrés Ferrari Haines</i>	
<i>Matheus Ibelli Bianco</i>	
2 POLÍTICAS MONETÁRIA E CAMBIAL: alta nos juros encarece crédito ao tomador final e não consegue manter uma trajetória de apreciação do real.....	12
<i>Mauricio Andrade Weiss</i>	
<i>Rafael Caminha Pahim</i>	
3 POLÍTICA FISCAL: a agenda de redução de impostos	22
<i>Róber Iturriet Avila</i>	
4 INFLAÇÃO: elevada, persistente e disseminada, apesar da deflação na energia elétrica.....	31
<i>Clarissa Black</i>	
5 BALANÇO DE PAGAMENTOS: guerra agrava o cenário	38
<i>Alessandro Donadio Miebach</i>	
6 NÍVEL DE ATIVIDADE: desempenho do 1º trimestre não afasta dificuldades do resto do ano	44
<i>Flávio Benevett Fligenspan</i>	
7 EMPREGO E SALÁRIOS: redução nos rendimentos indica que trabalhadores não se apropriam da recuperação na atividade.....	52
<i>Anelise Manganelli</i>	
<i>Carlos Henrique Vasconcellos Horn</i>	
<i>Virginia Rolla Donoso</i>	
8 MERCADO FINANCEIRO E DE CAPITAIS: Ibovespa tem forte queda no 2º trimestre de 2022.....	64
<i>Denilson Alencastro</i>	
9 ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL: nova estiagem derruba, mais uma vez, o PIB do Estado	68
<i>Martinho Roberto Lazzari</i>	
10 ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – PORTO ALEGRE: preço da energia elétrica desacelera a inflação de maio	72
<i>Everson Vieira dos Santos</i>	

1 ECONOMIA MUNDIAL: temores de estagflação global em meio à guerra na Ucrânia

A economia global vem enfrentando grandes incertezas, especialmente devido aos efeitos da guerra na Ucrânia, que já perdura quatro meses e mostra sinais de que pode durar muito mais. Seus impactos iniciais relacionam-se ao fato das economias russa e ucraniana serem importantes exportadoras mundiais de alimentos, sendo a primeira também uma grande fornecedora de energia. Esse quadro é agravado pelas sanções que os Estados Unidos e seus aliados na Europa e Oceania impuseram à economia russa.

Apesar de terem sido estes últimos os que aplicaram grandes pacotes de sanções econômicas para prejudicar a economia de Moscou, procurando dobrar os esforços de guerra russo na Ucrânia, esses países vêm sofrendo fortemente o efeito de suas próprias medidas. Por enquanto as consequências são sentidas mais duramente nos Estados Unidos e no Reino Unido – precisamente aqueles que demonstraram maior determinação em aplicar sanções econômicas desde o início.

1.1 Crise nos países ocidentais

Nos Estados Unidos, o impacto do conflito se manifesta, em primeiro lugar, no aumento dos preços. [A inflação em maio](#) atingiu uma nova alta, semelhante à do período de ápice da pandemia, de 8,6% em comparação com o ano anterior; energia, habitação e alimentos registraram seus ganhos mais rápidos em 40 anos. Esse nível praticamente triplica a meta de inflação do Federal Reserve.

Também de grandes proporções é o crescimento do [preço médio do galão de gasolina comum](#), que chegou a cinco dólares. O JP Morgan ainda prevê que chegue a seis dólares até setembro – o que implicaria quase dobrar seu valor em relação a um ano atrás, quando custava US\$ 3,08. De fato, em alguns lugares como a Califórnia, o preço já ultrapassou esse valor, custando US\$ 6,43.

Também relacionada a esta situação está a escassez de alguns produtos. Particularmente preocupante foi o susto da falta de [comida para bebês](#) em todo o país, que deixou muitos pais em "pânico". Por outro lado, muitos estadunidenses tiveram que recorrer a [casas de penhores](#) para pagar suas contas de gás. A maior parte de seus cidadãos espera que a [inflação piore](#) no próximo ano, temor que provoca ajustes em hábitos de consumo em resposta ao aumento dos preços.

Para 69% dos estadunidenses, o estado atual da economia é "[ruim](#)". De acordo com uma pesquisa da [Quinnipiac University](#), 59% dos americanos consideram os aumentos de preços como "uma crise", enquanto 38% dizem que "é um problema, mas não uma crise". Apenas 3% acham que

não é uma crise nem um problema. [Em outra pesquisa](#), 92% consideram o aumento da energia um problema "sério".

[O Presidente Biden](#) declarou a inflação sua principal prioridade econômica e tomou medidas para baixar os preços nos postos de gasolina. Neste sentido, aproveitou-se da Reserva Estratégica de Petróleo, bem como permitiu a venda de biocombustíveis misturados. Além disso, pediu ao Congresso que aprove uma legislação que reduza os custos das contas de energia e dos medicamentos prescritos, alertando a indústria do petróleo para não aproveitar os altos preços do gás para lucrar excessivamente.

Biden credita este aumento à invasão russa na Ucrânia, denominando esta crescente de valores como "[o aumento de preços do Putin](#)". No entanto, uma pesquisa de Rasmussen revela [que apenas 11% dos estadunidenses](#) acreditam que Putin é o culpado pelos altos preços da energia – enquanto 52% culpam o próprio Biden. Essa visão auxiliou a torná-lo [o presidente mais impopular da história](#) do país, segundo pesquisas da FiveThirtyEight, já que ele tem apenas 41% de aprovação contra 54,6% de desaprovação.

Recentemente, Biden [solicitou a suspensão de três meses](#) do imposto federal sobre a gasolina, a fim de combater os preços recordes. Reconheceu, porém, que essa medida "não resolverá o problema, mas dará alívio imediato às famílias, pelo menos um pouco de espaço para respirar, enquanto continuamos trabalhando para reduzir os preços." No entanto, a proposta foi contestada dentro de seu próprio partido – uma vez que vários acreditam que a medida beneficiaria apenas empresas e não consumidores. Opositores republicanos também criticaram, já que consideram as políticas um apelo destinado unicamente a melhorar as perspectivas do partido Democrata para as eleições do Congresso em 8 de novembro.

Já no Reino Unido, o impacto da guerra agravou um quadro econômico já difícil para grande parte da população. A economia do país vem se deteriorando desde a crise de 2008 e agravou-se pelo Brexit. Um recente [estudo](#) revelou que o impacto do Brexit significará que o trabalhador médio na Grã-Bretanha sofrerá uma perda salarial de mais de £ 470 a cada ano até 2030 e que a competitividade das exportações britânicas será severamente prejudicada.

De acordo com uma [pesquisa recente do YouGov](#), cerca de 6,8 milhões de adultos britânicos tiveram que reduzir sua dieta ou pararam de comer completamente devido à incapacidade de pagar ou "ter acesso à comida"; destes, 2,4 milhões chegaram a passar sem comer um dia inteiro. Quase um terço dos compradores que usam o sistema de crédito "[Compre agora, pague depois](#)" dizem que os

pagamentos de empréstimos se tornaram “incontroláveis”, embora tivessem que dobrar o uso desse recurso este ano. Além disso, a [Federação de Pequenas Empresas](#) alertou que os custos crescentes criaram uma "bomba-relógio" para as pequenas empresas, com quase meio milhão de empresas em risco de falir dentro de semanas, caso não haja uma nova onda de apoio do governo.

A inflação dos preços ao consumidor britânico é a mais alta entre os países do G7 e [atingiu 9%](#) em abril, o nível mais alto desde 1982. No mês passado, subiu para [9,1%](#), impulsionada pelos preços dos alimentos. Os custos de energia também aumentaram. Nesse contexto, o [Banco da Inglaterra](#) elevou as taxas de juros em junho pela quinta vez desde dezembro, sua maior sequência de aumentos de taxas em 25 anos. Esta é sua estratégia para evitar que a inflação ultrapasse os [11%](#), teto máximo que planeja.

A situação já está criando um [conflito social](#) considerável. O primeiro-ministro Boris Johnson alertou os trabalhadores para não pedirem maiores aumentos salariais, a fim de evitar uma ["espiral de salários e preços"](#) ao estilo dos anos 1970. O vice-primeiro-ministro Dominic Raab disse que o país deve mostrar "contenção" nas ofertas salariais para os trabalhadores porque "sabemos que se os salários do setor público continuarem a subir, a inflação permanecerá alta por mais tempo". Embora admitindo que as pessoas agora lutam "para sobreviver", Raab disse que a ação sindical militante não pode obter aumentos salariais "porque só prejudicará os mais pobres da sociedade".

Em resposta, a líder sindical Frances O'Grady declarou que “com a inflação subindo duas vezes mais rápido que o salário médio, precisamos de um governo que defenda os trabalhadores. Mas, em vez disso, temos ministros que brigam com trabalhadores que agem para defender seus padrões de vida”. De fato, os ferroviários entraram em [sua maior greve em três décadas](#) e, segundo [uma pesquisa](#), tem a aprovação de 66% da população.

Na [zona do euro](#), a inflação está em 8,1%, e especialistas alertaram que pode permanecer assim por algum tempo. O nível de alerta sobre as reservas de gás em todo o continente é alto e medidas de racionamento estão sendo implementadas. A preocupação é fortalecer as reservas de gás para o inverno. [Na França](#), as principais três empresas de energia estão pedindo às pessoas que reduzam imediatamente o consumo de combustível, petróleo, eletricidade e gás. Total Energies, EDF e Engie expressaram em uma declaração conjunta que “O esforço deve ser imediato, coletivo e massivo. Cada gesto conta.”

[Na Alemanha](#), o ministro da Economia e vice-chanceler, Robert Habeck, disse que o país pode ser forçado a fechar certas indústrias se o abastecimento de gás acabar até o inverno, e que enfrenta

um possível colapso do tipo "Lehman Brothers" em seu mercado. Consequentemente, o chefe dos assuntos energéticos da Agência Federal de Rede (Bundesnetzagentur), Klaus Müller, pediu à população alemã que reduza seu consumo de energia, já que o gás natural russo do gasoduto Nord Stream foi reduzido para 40%. Além de pedir às indústrias e famílias que contribuam reduzindo seu consumo diário, Müller alertou os consumidores para que estejam prontos para contas de gás com os valores duplicados ou triplicados nos próximos meses.

[O governo austríaco](#) apresentou um pacote de ajuda no valor de 28 bilhões de euros (US\$ 29,3 bilhões), com ajustes a serem feitos de acordo com a inflação posteriormente. Entre as medidas, que vigorariam pelo menos até 2026, estão mudanças no código tributário, para que os pagamentos de impostos sejam ajustados pela inflação. A Áustria é um dos vários países europeus que recorrem ao carvão para atender às suas demandas energéticas.

1.2 Riscos de estagflação e medos de fome global

O contexto inflacionário levou o [Federal Reserve](#) a elevar as taxas de juros em três quartos de ponto percentual. Desde 1994 não houve um aumento tão grande. O Federal Reserve observou ainda que aumentos semelhantes podem ocorrer no final deste ano. [Jerome Powell](#), presidente do Federal Reserve, disse que está totalmente comprometido em controlar os preços, mesmo que isso represente o risco de uma recessão econômica - reconhecendo que isso é "certamente uma possibilidade". Os temores de uma recessão nos Estados Unidos estão alimentando os temores de uma recessão global. Além da alta inflação, estão as interrupções nas cadeias de suprimentos.

Segundo [a Reuters](#), o índice que acompanha os setores industriais e de serviços dos EUA revela uma queda, sendo o índice industrial o mais baixo em quase dois anos. "A confiança e credibilidade das empresas está agora em um nível em que normalmente prenuncia-se uma desaceleração econômica, aumentando o risco de recessão", disse Chris Williamson, economista-chefe de negócios da S&P Global Market Intelligence. Na zona do euro, a demanda por produtos manufaturados caiu em junho, no ritmo mais rápido desde maio de 2020, quando a pandemia do coronavírus estava se instalando, com o índice de compras da S&P Global caindo para uma mínima de quase dois anos. "As pesquisas do PMI da zona do euro para junho mostraram uma desaceleração adicional no setor de serviços, enquanto a produção no setor industrial agora parece estar caindo completamente", disse Jack Allen-Reynolds, da Capital Economics.

De acordo com uma pesquisa da Reuters com economistas, há cerca de uma chance em três de uma recessão no bloco dentro de 12 meses, sendo que consideram também que a inflação ainda não atingiu seu pico máximo. Nos Estados Unidos, a pesquisa revelou 40% de chance de que haja uma recessão nos próximos dois anos e 25% de chance de que aconteça no próximo ano. Na Grã-Bretanha, a pesquisa mostrou 35% de chance de recessão nos próximos 12 meses. [O Banco Mundial](#) acaba de reduzir sua previsão de crescimento global anual para 2,9 por cento de 4,1 por cento em janeiro, alertando que a economia global pode sofrer uma estagflação ao estilo dos anos 1970, uma combinação perigosa de crescimento fraco e aumento dos preços.

O governador do Banco da Inglaterra, Andrew Bailey, disse que devido ao contexto global, ocorrerão aumentos "[apocalípticos](#)" nos preços dos alimentos em todo o mundo. Annalena Baerbock, ministra das Relações Exteriores da Alemanha, disse que [345 milhões de pessoas](#) em todo o mundo estão atualmente ameaçadas pela escassez de alimentos. A situação seria particularmente terrível na África, já que pelo menos 25 países africanos importam mais de um terço de seu trigo da Ucrânia e da Rússia, e 15 deles mais da metade. Arif Husain, economista-chefe do Programa Mundial de Alimentos da ONU, disse que mais de 40 países agora enfrentam inflação de alimentos de mais de 15%, e mais de 30 economias viram sua moeda desvalorizar mais de 25%. Husain também expressou preocupação de que a atual "crise de acessibilidade" causada pelos altos preços possa se transformar em uma "crise de disponibilidade" no próximo ano, em grande parte porque a produção e uso de fertilizantes não estão se movendo no ritmo necessário.

Preocupantemente, Husain considerou inviável a oferta do ministro das Relações Exteriores húngaro, Peter Szijjarto, de que seu país seja uma possível rota para as exportações de grãos da Ucrânia. Husain considera irrealizável que as exportações marítimas possam ser substituídas por rodovias e ferrovias, uma vez que só seria possível transportar por essas rotas entre 1,5 milhão a 2 milhões de toneladas de grãos por mês, contra os 5 milhões a 6 milhões por mês normalmente exportados através dos portos do Mar Negro, na Ucrânia. Husain explicou ainda que as rotas rodoviárias exigiriam 9.000 caminhões por dia em uma zona de guerra, o que "seria proibitivamente caro por estrada, mesmo que você pudesse fazê-lo. O prêmio de grãos a colocaria fora do mercado no cenário global."

Consequentemente, a África já teme por sua segurança alimentar. Recentemente, o chefe da União Africana (UA) e presidente do Senegal, [Macky Sall](#), alertou que "já não temos acesso a cereais,

especialmente trigo da Rússia e, mais importante, aos fertilizantes, que representam uma séria ameaça à segurança alimentar no continente”.

1.3 Estratégias de Guerra sobre a Economia

A União Africana, identificando o seu problema especialmente na dificuldade de pagamento aos alimentos russos (devido às sanções que Moscou sofreu quando foi expulso do sistema de pagamentos SWIFT), pediu “aos europeus o mesmo mecanismo que vem sendo utilizado para a compra do gás e o petróleo russo”, para que possam pagar por grãos e fertilizantes importados da Rússia.

No entanto, [de acordo com a UE](#), as interrupções não têm a ver com as sanções, mas sim por conta de um bloqueio naval russo no Mar Negro, que está retendo mais de 20 milhões de toneladas de grãos do abastecimento mundial de alimentos. [Josep Borrell](#), chefe da política externa da UE, pediu à Rússia que encerre o bloqueio dos portos ucranianos, denominando-o um "verdadeiro crime de guerra", já que é "inconcebível... que milhões de toneladas de trigo permaneçam bloqueadas na Ucrânia enquanto no resto do mundo as pessoas passam fome". Borrell insiste “que não são as sanções europeias que estão criando a crise. Nossas sanções não visam alimentos, não visam fertilizantes”. Antony Blinken, secretário de Estado de Biden, declarou: "Vamos ser muito, muito claros: a única razão para esta escassez é a agressão russa contra a Ucrânia e o bloqueio russo à saída de grãos e alimentos".

Enquanto isso, a Rússia revela uma economia firme. [Os países asiáticos](#) tornaram-se os maiores importadores de petróleo russo pela primeira vez em abril de 2022, ultrapassando a Europa, dobrando o que a Rússia enviava para a região antes do conflito militar na Ucrânia. A maior parte vem sendo destinada à Índia e a China, que aproveitaram o desconto de 25% oferecido pela Rússia por seu petróleo. Por conta disso, os Estados Unidos vem considerando a China e a Índia “[os principais financiadores de Moscou](#)”. Se, por um lado, China e Índia tentam evitar se posicionar abertamente do lado russo, para evitar confrontos diplomáticos com o Ocidente, por outro lado, ao fazê-lo, ajudam a evitar um maior impacto negativo na economia global.

Assim, a extensão dos efeitos econômicos decorrentes das decisões relacionadas ao conflito na Ucrânia pode determinar o desfecho da guerra – em que surge como fator crucial a capacidade e a vontade das próprias populações ocidentais de arcar com as consequências das medidas de seus governantes. Nesse sentido, o chefe da gigante estatal russa de energia Gazprom, [Alexey Miller](#), argumentou que a decisão da Europa de reduzir a dependência do gás natural da Rússia não prejudicou

a empresa porque os preços do gás aumentaram "várias vezes" e, juntamente com o aumento das exportações para países asiáticos, ajudaram a Rússia a compensar a perda nas exportações.

Perante esta posição russa, a Europa começa a temer que a Rússia [corte completamente o seu fornecimento de gás](#). O chefe da Agência Internacional de Energia, Fatih Birol, disse que as reduções nos suprimentos nas últimas semanas que o Kremlin atribuiu à trabalhos de manutenção podem, de fato, ser o início de cortes mais amplos projetados para impedir o suprimento de instalações de armazenamento europeu em preparação para o inverno, enquanto a Rússia busca ganhar influência sobre a região. Birol alertou que o fornecimento de gás possivelmente precisará ser racionado.

O medo europeu é reforçado pela forte rejeição russa às acusações que culpam o país pelo risco de fome no mundo. Dmitry Medvedev, ex-presidente e primeiro-ministro russo, comentou a acusação alemã: "As autoridades alemãs estão acusando a Rússia de usar a fome como arma. É incrível ouvir isso de autoridades cujo país manteve Leningrado em confinamento por 900 dias, onde quase 700.000 pessoas morreram de fome". A posição russa é que ela está sendo atacada como responsável justamente para desviar a culpa ocidental de que são suas sanções a causa da fome que se aproxima na África.

Ademais, [se a Rússia cortar completamente o gás da Europa no inverno](#), a perspectiva do continente europeu é que não poderia substituí-lo de forma alguma, já que é a fonte de 40% do seu consumo. Com estoques abaixo de 60% hoje, os países europeus estão correndo para completar seu armazenamento. Mas para atingir o objetivo postulado pela Comissão Europeia de que cada país atinja 80% de armazenamento até novembro, e 90% para a Alemanha, é necessário justamente o gás russo. A UE procurou outras fontes nos Estados Unidos e no Oriente Médio, mas é improvável que consiga uma substituição total.

Putin argumentou que "o cidadão alemão deveria olhar no bolso e se perguntar se está disposto a pagar três ou cinco vezes mais por gás e eletricidade". Gerhard Schroeder, ex-chanceler alemão, caiu em desgraça por ser visto como um dos responsáveis pela dependência da Alemanha em relação à energia russa. Mas Veronika Grimm, uma das principais especialistas em economia do governo alemão, argumenta que "a política da Alemanha em relação à Rússia está profundamente enraizada na história. Vai muito além de Gerhard Schroeder", referindo-se ao fato de que mesmo durante a Guerra Fria o país consumiu grande quantidade de gás russo e acredita que "a dependência do gás russo permanecerá".

O presidente-executivo da BASF, Martin Brudermueller, afirmou que “a Rússia fornece cerca de 50% do gás natural consumido na Alemanha. Portanto, os embarques de gás russo sustentam a competitividade de nossa indústria... Se o fornecimento de gás natural da Rússia parasse repentinamente, isso causaria danos econômicos irreversíveis”. O ministro da Economia alemão e vice-chanceler [Robert Habeck](#) também argumentou que, se o fornecimento de gás for muito baixo para o inverno, “as empresas teriam que interromper a produção, demitir trabalhadores, as cadeias de suprimentos entrariam em colapso, as pessoas se endividariam para pagar suas contas de aquecimento, essas pessoas ficariam mais pobres”.

1.4 Perspectiva de Guerra e de Economia

Uma [pesquisa](#) com 10 países europeus mostrou que as populações de mais de um terço destas nações querem que a guerra na Ucrânia termine o mais rápido possível, mesmo às custas de concessões territoriais da Ucrânia, enquanto 22% dizem que deve durar o tempo necessário para punir a Rússia e restaurar todas as terras da Ucrânia. Segundo os responsáveis pela pesquisa, esta revela que “a opinião pública europeia está prestes a mudar e que os dias mais difíceis podem estar por vir”, fazendo crescer a sensação de que as sanções à Rússia “não estão dando resultados”.

O analista geopolítico Arnaud Bertrand afirma que "poucas vezes o Ocidente julgou tão mal a importância global de uma economia" em referência ao tratamento que conferiu à economia russa, considerada "mais ou menos irrelevante, simplesmente o equivalente a um país europeu pequeno." O senador republicano Lindsey Graham declarou em 2014, após a invasão da Crimeia, que a Rússia tinha “uma economia do tamanho da Itália”, enquanto The Economist em 2019 disse que a importância da economia russa era como a da Espanha.

Bertrand conta que o economista francês Jacques Sapir, renomado especialista em economia, explicou recentemente que a guerra na Ucrânia “nos fez perceber que a economia russa é consideravelmente mais importante do que pensávamos.” Para a Sapir, um dos principais motivos desse erro de cálculo são as taxas de câmbio. Mediante a simples conversão de rublos para dólares estadunidenses, o produto interno bruto (PIB) da Rússia teria uma economia do tamanho da Espanha. Mas Sapir afirma que tal comparação não tem sentido sem o ajuste da paridade do poder de compra (PPC), que leva em conta a produtividade e os padrões de vida e, portanto, o bem-estar per capita e o uso de recursos. De fato, a PPC é a medida preferida pela maioria das instituições internacionais, do FMI à OCDE. E quando o PIB da Rússia é medido em termos de PPC, fica claro que a economia da Rússia

é mais parecida com a da Alemanha, cerca de US\$ 4,4 trilhões para a Rússia versus US\$ 4,6 trilhões para a Alemanha. Sapir conclui que a passagem “... de uma economia europeia pequena e um tanto doente à maior economia da Europa e uma das maiores do mundo, não é uma diferença insignificante”.

[Bertrand](#) destaca ainda que outras considerações, como o principal tipo de produção de um país e seu peso no comércio exterior, pesaram adicionalmente nesse cálculo equivocado. Sua “importância dominante na produção de diversos produtos básicos faz com que a Rússia, como poucos outros países do planeta, seja em muitos aspectos um polo da cadeia produtiva globalizada. Ao contrário das ‘sanções máximas’ contra um país como o Irã ou a Venezuela, tentar romper o vínculo com a Rússia significou e provavelmente continuará a significar uma dramática reorganização da economia global”, conclui Bertrand.

Embora Bertrand descreva o ataque russo à Ucrânia como 'brutal' e não entre na análise de sua capacidade nuclear, ele defende uma visão realista da distribuição da atual economia mundial, considerando também a China e o grande número de países que não seguiram o Ocidente ao sancionar a Rússia – que representam mais de 80% da população global. Desta forma, alerta para o perigo econômico para o mundo do surgimento de uma nova 'Cortina de Ferro'.

Mas esse entendimento, na prática, significa que o Ocidente deve aceitar a visão russa expressa pelo chefe da Gazprom, [Alexey Miller](#), de que a economia mundial está passando por uma mudança tectônica global, na qual as matérias-primas se tornam mais valiosas que o dinheiro. E que, a partir de agora trata-se de “nosso produto, nossas regras”, enfatizando a visão de países não-ocidentais que os membros da OTAN criam e aplicam regras de acordo com seus desejos e interesses. O impacto econômico, o sofrimento mundial e a compreensão de ambos os lados do conflito em curso na Ucrânia da sua verdadeira capacidade para persistir confrontando certamente determinarão a profundidade e a duração dos efeitos da guerra na economia global – e determinarão as diretrizes das mudanças que se seguirão.

Andrés Ferrari Haines e Matheus Ibielli Bianco